

Luís Fernandes e Simão Mata

Viver nas “Periferias Desqualificadas”: Do Que Diz a Literatura às Percepções de Interventores Comunitários

Aviso

O conteúdo deste website está sujeito à legislação francesa sobre a propriedade intelectual e é propriedade exclusiva do editor.

Os trabalhos disponibilizados neste website podem ser consultados e reproduzidos em papel ou suporte digital desde que a sua utilização seja estritamente pessoal ou para fins científicos ou pedagógicos, excluindo-se qualquer exploração comercial. A reprodução deverá mencionar obrigatoriamente o editor, o nome da revista, o autor e a referência do documento.

Qualquer outra forma de reprodução é interdita salvo se autorizada previamente pelo editor, excepto nos casos previstos pela legislação em vigor em França.

revues.org

Revues.org é um portal de revistas das ciências sociais e humanas desenvolvido pelo CLÉO, Centro para a edição eletrónica aberta (CNRS, EHESS, UP, UAPV - França)

Referência eletrónica

Luís Fernandes e Simão Mata, « Viver nas “Periferias Desqualificadas”: Do Que Diz a Literatura às Percepções de Interventores Comunitários », *Ponto Urbe* [Online], | 2015, posto online no dia 31 Julho 2015, consultado o 05 Setembro 2015. URL : <http://pontourbe.revues.org/2658> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2658

Editor: Núcleo de Antropologia Urbana

<http://pontourbe.revues.org>

<http://www.revues.org>

Documento acessível online em:

<http://pontourbe.revues.org/2658>

Documento gerado automaticamente no dia 05 Setembro 2015.

© NAU

Luís Fernandes e Simão Mata

Viver nas “Periferias Desqualificadas”: Do Que Diz a Literatura às Percepções de Interventores Comunitários

1. Introdução – As Advertências Iniciais

1 A tarefa a que nos propomos neste texto junta-se aos esforços de compreensão das relações entre espaço urbano e indivíduo, situando a análise numa zona de interface entre as condições socioespaciais dos habitats designados por “periferias desqualificadas” e as adaptações e expressões psicológicas desenvolvidas nesta interface. Numa primeira parte interrogaremos a categoria “periferia” e, em particular, a periferia conotada com zonas problemáticas; num segundo momento situaremos o foco de análise nas repercussões desta “periferia desqualificada” sobre os seus habitantes.

2 Esclareçamos já de início o porquê da expressão “periferia desqualificada”. Quando se trata de nomear indivíduos, grupos ou territórios vistos como problemáticos a linguagem parece carregada de armadilhas: cada termo que se escolhe para a nomeação é alvo de críticas, apontando-lhe o poder de criar a própria realidade ao designar de determinado modo. É assim com “os excluídos”, é assim com os “bairros degradados”; é assim com processos como “guetização” ou “relegação”; é assim ainda com expressões de forte carga simbólica utilizadas por autores de referência, como os “bairros de exílio” (Dubet e Lapeyronnie, 1992) ou os “condenados da cidade” dos “territórios de degredo” (Wacquant, 2001, 2006). Temos vindo a optar pela expressão “periferia desqualificada” para assinalar o facto de se tratar de espaços que, no debate social, são lidos e ditos como contendo algum elemento que os desqualifica em face duma suposta “normalidade” – mesmo que esta se afigure tão difícil de definir como aquela...

3 A expressão não é, de facto, usual na literatura sobre periferias socioespaciais. Inspiramo-nos em Serge Paugam (2003) quando analisa o processo a que chama “desqualificação social”, e que tem forte expressão na *banlieue* das grandes cidades francesas. Vimos a “periferia desqualificada” referida à análise do trabalho e das organizações, por exemplo em Tenório (2007), Cazeloto (2008) e Pereira e Brito (2006)¹

4 A transformação das cidades é algo tão múltiplo e com tantas co-ocorrências que a sua caracterização através de modelos e/ou de tipologias é quase impossível. A tarefa está dificultada pelo aumento da escala urbana (da cidade para a metrópole e, nalguns casos que já deixaram de ser raros, desta para a megalópole), pela complexificação interna (quantidade e diversidade de indivíduos, de populações e de instituições em interação) e pela circunstância de serem agora nós de fluxos duma rede global.

5 Elizete Menegat colocou bem a questão que acabamos de identificar:

A crise atual desafia não apenas os limites postos ao enfrentamento da desordem concreta do mundo, mas, igualmente, os limites das formas de conhecimento e representação deste mundo. Que conceitos, que categorias, que imagens, que ilustrações podem expressar a quantidade e a qualidade das transformações que tão velozmente ocorrem no espaço e na sociedade? Como pensar o futuro desta sociedade formada de tão numerosos indivíduos concentrados em cidades, produzindo sistemas de necessidades, sobretudo materiais, crescentemente complexos?” (Menegat 2005: 94/95).

6 Menegat reforça esta ideia citando autores que referem mesmo que não existe linguagem capaz de representar as mudanças em curso na forma urbana. Perante “o crescimento desmedido da urbe” estaríamos “à procura de representar o irrepresentável” (Lefèbvre cit. in Menegat 2005: 95); e Peixoto é mais contundente:

A expansão urbana acelerada subverte as formas urbanas tradicionais, formando *hiatos na narrativa urbana, interrupções no seu contínuo histórico*. Estamos diante do *sublime*, do *irrepresentável*, do *indizível*, do *incomunicável*. Assim como o instante do clarão de um raio

em meio à tempestade não pode ser representado na pintura de uma paisagem, também o conjunto arquitetônico e urbanístico da grande cidade contemporânea desafia todas as formas de representação (Peixoto cit. in Menegat 2005: p. 95).

- 7 Acresce a esta dificuldade uma outra ainda: a da distância entre a cidade que se planeia e aquela que acontece. Também aqui cidade e indivíduo se assemelham: este pensa-se e pensa a sua ação dum modo aparentemente racional, mas as suas cognições determinam apenas uma parte limitada do seu agir; também o plano urbano existe mais nas ideias e nos esboços dos estudiosos da cidade do que no terreno. Esta circunstância, parecendo à primeira vista uma contrariedade, revela-se providencial em certas ocasiões. Apresentemos como exemplar o que (não) aconteceu no Porto com um documento estratégico de 1956, o Plano de Melhoramentos da Cidade: previa a demolição do miolo do Barredo, bairro de centro histórico que era um foco de pobreza e insalubridade, para aí colocar estruturas destinadas a estacionamento automóvel, numa altura em que este começava a expandir-se e simbolizava o progresso urbano. O plano nunca viria a sair do estado de projeto, chegando entretanto duas décadas mais tarde o tempo da revalorização do património, das renovações urbanas e da defesa da gentrificação. Aquele que estava para desaparecer da face da cidade conheceu uma profunda operação de renovação, com a manutenção duma parte importante da sua população de raiz, e é hoje um importante polo turístico, centro duma área classificada no final dos anos 90 como património da humanidade.²
- 8 Exemplos como este deveriam pôr-nos a refletir sobre até onde devem chegar os nossos esforços de intervenção, que são aliás bastante mais modestos do que estamos habituados a imaginar. Com efeito a cidade é, em grande parte, um objeto não planeado. Vejamos o que dizem dois arquitetos que estudaram o Terras do Lelo Martins, bairro clandestino da margem sul de Lisboa:

Há dados que indicam que 40% das zonas urbanas são construídas de forma espontânea, como as Terras do Lelo. Mas parece haver uma certa incapacidade por parte das autoridades e agentes de transformação do território em lidar com estes núcleos geridos por lógicas não instituídas, à margem de uma ordem planeada e legal (Costa e Moreira 2013: 90).

- 9 Este fenómeno tem ainda maior amplitude noutras regiões, como a América Latina. Regressemos a Elisete Menegat:

“Em São Paulo, por exemplo, metade da população - 5,5 milhões - vive em áreas ilegal e irregularmente ocupadas. O conjunto de tais áreas representa, apenas, 17% do território desta cidade. Dito de outra maneira, a outra metade dos habitantes desta cidade ocupa 83% do território urbano (*Folha de São Paulo*, 2000).

- 10 Na cidade do Rio de Janeiro, segundo dados da Prefeitura Municipal, um terço da população, cerca de 2 milhões de cariocas, vive em terrenos ilegal ou irregularmente ocupados. Nesta cidade existem, atualmente, 1.500 assentamentos ilegais. Deste total, 90% não possui título de propriedade da terra e quase todos ocupam áreas de risco tais como encostas, áreas próximas de rios, canais e lagoas (Menegat, 2005).
- 11 Não pretendemos aqui realizar uma revisão do tema dos assentamentos urbanos e periurbanos mais ou menos fora da ordem reconhecida da cidade, mas salientar o quanto definir periferia ou querer recortá-la nitidamente no espaço é um exercício altamente falível. Talvez esta categoria exista mais no nosso discurso do que no terreno, testemunhando também ela o que testemunham muitas outras categorias da linguagem das ciências sociais: mais do que corresponderem a fenómenos empíricos bem delimitáveis, correspondem ao nosso esforço para ordenar a realidade e pôr cobro à desmultiplicação incessante do mundo.
- 12 Assim mesmo, podemos procurar identificar elementos comuns sempre que dizemos “periferia”. É esse o exercício a que nos propomos na secção seguinte.

2. O Que é uma Periferia?

- 13 A representação que fazemos de qualquer realidade depende da escala que escolhemos. Esta, por sua vez, depende da distância percetiva, ou seja da possibilidade que temos de olhar o que queremos representar mais de perto ou mais de longe. Acontece também assim com a entidade “periferia”, e acontece com esta aquilo que Pereira (2012, pág 8/9) descreveu para o centro: “(...) a centralidade pode ser aferida em diferentes escalas geográficas, expressando

relações sócio-espaciais que se manifestam desde delimitações territoriais de pequeno porte até o plano mundial”.

2.1. A Periferia no Sistema-Mundo

14 Estaremos à procura de saber o que dizemos ao dizer periferia situando-nos nós próprios num país dito da semiperiferia. Eis aqui um primeiro sentido para a palavra, ainda numa escala macro que é a do sistema-mundo.

15 A semiperiferia é um conceito formulado por Wallerstein (1984) enquanto categoria intermédia entre as categorias polares do sistema mundial: os países centrais e os países periféricos. Um país da semiperiferia é periférico para os países do centro e central para os da periferia. A semiperiferia é, na visão de Boaventura de Sousa Santos (1985), algo semelhante a uma correia de transmissão entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento:

Tal como nas diferentes sociedades se constituíram estratos ou classes intermédias entre as classes polares (burguesia e proletariado), as chamadas classes médias, assim no sistema mundial se constituíram sociedades semiperiféricas entre a periferia e o centro. (Santos 1985: 870).

16 O autor propõe assim um curioso paralelo funcional entre Estados e classes sociais:

A função destas diferentes categorias intermédias é de algum modo semelhante. Tal como, no interior das diferentes sociedades, as classes médias têm desempenhado a função de tampão entre a burguesia e o proletariado, contribuindo para atenuar os conflitos entre elas e, por essa via, propiciar uma ordem social e política mais estável e consensual, assim também, no sistema interestatal, a existência de Estados semiperiféricos serve para atenuar os conflitos entre Estados centrais e Estados periféricos decorrentes das desigualdades na apropriação do excedente económico à escala mundial.” (Santos 1985: 870).

17 As sociedades semiperiféricas são, portanto, sociedades intermédias no duplo sentido de apresentarem estádios intermédios de desenvolvimento e de cumprirem funções de intermediação.

2.2. Periferia Enquanto Insistência Discursiva

18 Estreitemos um pouco a escala de análise. Mesmo assim, a definição de periferia pode ter um sentido ainda bastante alargado, que encontramos por exemplo em Sandra Roque (2011). Segundo a autora, a insistência no discurso que tem as periferias como referente faria parte do processo de ocultação das violências da paz, particularmente desde os anos 90 do século XX:

Esta ocultação tornou-se mais dissimulada com o fim da Guerra Fria e o triunfo “anunciado” do neo-liberalismo e das democracias de mercado enquanto modelo de organização das sociedades. As periferias do ‘sistema mundo’, nomeadamente o continente africano, passaram a ser encaradas sobretudo como uma fonte de “problemas” para o sistema internacional, onde imperam “ameaças” como o subdesenvolvimento crónico e a corrupção, os conflitos armados e os refugiados, ou ainda os chamados Estados “falhados” ou o terrorismo, imperfeições contra natura que “devem ser normalizadas” (Roque 2011: 338).

19 Uma função semelhante pode estar a desempenhar a periferia numa escala mais local - a escala do urbano. Referimo-nos à periferia constituída por “zonas problemáticas”, “bairros das drogas”, “bairros de realojamento”, “zonas sensíveis”, “áreas críticas”, tema fulcral na constituição mediática dos “problemas sociais” (Champagne 1991; Tissot e Poupeau 2005). Cingindo-nos a Portugal, Malheiros e Mendes (2007), referindo-se a “bairros problemáticos” da periferia de Lisboa, dizem:

Esses espaços de exclusão tendem a assumir notoriedade mediática e pública, são locais “famosos”, os seus habitantes ficam demasiado expostos a esta publicidade exagerada e geralmente negativa. São lugares que só pelo seu nome – Spangen em Roterdão, Tres Mil Viviendas em Sevilha, Azinhaga dos Besouros ou Cova da Moura, Les 4000 (La Corneuve), Pablo Picasso (Nanterre) ou LesBosquets (Montfermeil) na periferia de Paris – produzem perturbação, são percecionados como um mal da sociedade. Qualquer acontecimento negativo assume um enfoque desmesurado na comunicação social, transformando esse evento em “espetáculo da violência ou do comportamento anti-social. (Malheiro e Mendes 2007: 45).

20 A investigação que temos realizado em alguns dos mais mediatizados “bairros problemáticos” do Porto é convergente com estas análises, mostrando também como são transportados através

da insistência discursiva de que são objeto da periferia espacial para o centro do debate público (Fernandes 1998, 2001, 2006; Fernandes e Neves 2002; Fernandes e Ramos 2010). A “periferia desqualificada” é, assim, de grande importância no jogo simbólico centro/margem, com todos os elementos que este jogo mobiliza em torno das definições de normalidade da vida social e do papel que devem jogar as instâncias que visam assegurá-la.

2.3. Periferia Como Disposição Espacial em Relação ao Centro

- 21 A periferia, termo da linguagem da geometria, não indica distância, mas disposição espacial em relação ao centro (Herrera, 2008). Isto vai ao encontro da nossa ideia de que a periferia diz respeito a um sistema de relações projetado no espaço cuja marca não deve ser procurada na distância entre centro e limiar. A periferia não é esse perímetro em torno dum núcleo central, como é veiculado em certas imagens simplificadas que falam nos “cinturões”, nos “anéis”, que o crescimento da cidade, sobretudo a de tipo industrial, iria gerando sucessivamente.
- 22 Mas, se não indica necessariamente distância espacial, indica distância simbólica: a periferia seria caracterizada por qualquer coisa que, sendo da ordem do urbano, relevaria simultaneamente da sua perda. Não indicando distância, indicaria ausência - desde logo, de recursos materiais, posto que constituída maioritariamente por populações economicamente desfavorecidas. São assim múltiplas as referências à qualidade do alojamento, dos espaços envolventes, de equipamentos, de serviços, de formas de associativismo, de transportes, de escola... Mas também as referências à falta dum estilo de vida realmente urbano, marcado por um padrão de conforto e de acesso aos recursos.³
- 23 A figura do “quase bairro” é a este respeito eloquente: utilizada pelos moradores do Calambotão que são objeto da pesquisa etnográfica de Sandra Roque (2011) em Benguela, Angola, o “quase bairro” é uma categoria nativa que indica zonas pouco afastadas do centro mas que, apesar desta vizinhança, não atingem os seus padrões e estilos de vida. “A cidade representa a forma que a cidade deveria ter; o resto, *bairro*, *musseque*, é percebido como a periferia, um espaço amorfo e sem forma” (Roque 2011: 336) – a periferia pode, portanto, estar mesmo ali ao lado, como nos ensina o “quase bairro”.
- 24 Tal como Roque, também nós, sintetizando o nosso olhar sobre a periferia a partir dos trabalhos de pesquisa que fomos desenvolvendo (Fernandes 1998; Fernandes e Neves 2002; Fernandes e Ramos 2010), subscrevemos Bourdieu (2007) quando a conceptualiza enquanto elemento dum sistema classificatório definido por dualizações. Estas dualizações podem tomar várias formas concretas e ser designadas de várias maneiras: baixa-musseque (Luanda), cidade-bairro (Benguela), favela-asfalto, (Rio de Janeiro – ver por exemplo Ventura 1994), cinturões vermelho e negro, expressões com que Wacquant (2001) designava respetivamente *cités* da periferia das grandes cidades francesas e *ghettos* das grandes urbes dos EUA.
- 25 A dualização espacial remete para uma outra: a categoria “cidade” está associada ao que é urbano, à ordem e as categorias “bairro”, “musseque”, “favela”, “cité”, “ghetto”, estão associadas ao suburbano, à desordem, à exclusão, mesmo ao criminogéneo – como que se a urbe projetasse para os seus limiares as zonas onde se gerariam e concentrariam os problemas.⁴
- 26 Esta produção de sentido em torno da periferia desqualifica-a, promovendo em seu torno uma representação com um potencial performativo passível de ser mobilizado pela linguagem mediática sempre que necessita de imagens fortes sobre os “problemas sociais” como o tráfico de droga, os motins urbanos, os gangs juvenis, os conflitos étnicos, ou ainda essa amálgama pouco precisa de situações e atores designada por “exclusão social”...
- 27 Este potencial performativo manifesta-se ainda através do impacto psicológico que experimenta quem nela habita, tal como procuraremos fazer notar nas secções seguintes.

2.4 Problematizar a Dicotomia Centro-Periferia

- 28 Mas a dualização é mais simbólica do que geográfica, pois nos espaços concretos da cidade as distinções são menos claras. A transformação das manchas urbanas, que se comportam como organismos dotados de grande dinâmica, vai produzindo arranjos que não se deixam reduzir a imagens dualizadas. Isto ocorre em muitas cidades de geografias, tanto físicas como políticas, muito distintas, mostrando estarmos perante um processo de grande magnitude que

não se deixa reduzir a visões esquemáticas. Vejamos alguns exemplos situados em diferentes continentes.

- 29 África: Messiant (1989) e Roque (2009) mostram como as fronteiras entre o centro e a periferia são difíceis de discernir, tendo como terreno respetivamente Luanda e Benguela, em Angola. O processo de mudança trazido pelo período pós-colonial é nestes casos o responsável pelo desenvolvimento urbano e conseqüente mudança na configuração das cidades angolanas, tornando as distinções entre “baixa” e “musseque” (Luanda) e entre “cidade” e “bairro” (Benguela) menos marcadas. “Baixa” e “cidade” representavam a “boa cidade”, planeada pela potência colonizadora, enquanto “musseque” e “bairro” representavam os espaços da suburbanidade, associados a caos e desordem.
- 30 Europa de leste: Ianos, Sirodov e Pascariu (2012) centram-se sobre o caso de Bucareste, na Roménia. Verificamos também o acentuar desta indistinção que não permite discernir tão claramente o *zoning* na cidade, mas na sequência dum processo político muito distinto do exemplo anterior. Tratou-se neste caso da passagem duma sociedade de economia centralizada e planeada para uma de mercado livre, ocorrendo no quadro mais geral da desindustrialização em curso em múltiplos países. Esta desindustrialização, que no caso romeno terá sido maciça, conduziu à fragmentação do espaço urbano: “Esta fragmentação é determinada pelo desmantelamento físico de grandes zonas industriais no seguimento do vasto processo de desindustrialização” (Ianos, Sirodov, Pascariu 2012: 49).
- 31 América: Galindo e Delgado (2006), tomando como objeto uma das maiores metrópoles do planeta, a Cidade do México, propõem também reformular antigas configurações espaciais, como a da dicotomia rural-urbano. O periurbano seria o espaço emergente das dinâmicas entre o rural e o urbano. Consideram que há um esgotamento conceptual deste binómio, aderindo à categoria analítica do periurbano. Segundo Galindo e Delgado (2006), os eixos temáticos que orientam a investigação sobre esses espaços periurbanos no México são o económico, o social e o espacial. O espacial analisa a formação do periurbano através da expansão da cidade e o seu impacto nas áreas rurais circundantes.
- 32 Este processo parece ser hoje o traço marcante de muitas expansões urbanas, como nos mostra Arabindoo (2009). O autor analisa as conseqüências dos processos de urbanização e desenvolvimento de uma periferia situada no sul da cidade Indiana de Chennai. Foca em particular as transformações socioespaciais de dois bairros vizinhos num período de 30 anos, ao longo dos quais se constitui uma zona de interface entre o rural e o urbano – o periurbano – marcada pela heterogeneidade e pela fragmentação. Estas áreas periurbanas são espaços que resultam de um processo de metropolização como nova condição urbana, que se faz acompanhar de uma transformação de “zonas de sobrevivência” para “zonas de investimento”.
- 33 Esta passagem é corroborada por investigações em geografias urbanas muito diversas: Firman (1998 *in* Arabindoo, 2009) para Jakarta; Burnnel et al (2002 *in* Arabindoo, 2009) para Kuala Lumpur; Sheng e Rahman (1995 *in* Arabindoo, 2009) para Bangkok.
- 34 Em suma, a clara demarcação da periferia em relação ao centro é sobretudo uma categorização simbólica, pois as dinâmicas urbanas vão dando lugar a formas mais híbridas de espacialização. Estas dinâmicas podem ser desencadeadas por mecanismos estruturais muito diversos: crescimento urbano pós-colonial no caso de Luanda e Benguela, passagem duma economia centralizada e planificada a uma de mercado no caso de Bucareste, desindustrialização nas grandes cidades da Europa ocidental e dos EUA, periurbanização em cidades europeias e latinoamericanas, em que a expansão e o estiramento territoriais vão incrustando e absorvendo núcleos até há pouco rurais. Enfim, diremos com Prigge (cit. in Basten 2003: 89) que “periferia está em todo o lado”.

3. O Impacto Psicológico da Periferia

- 35 Interessa pôr em relação as dinâmicas espaciais que analisámos até agora com o impacto que podem ter sobre os seus habitantes. Referiremos num primeiro momento os efeitos das imagens que circulam sobre as “periferias problemáticas” nas realidades materiais da vida de quem aí vive; apresentaremos em seguida os primeiros resultados duma investigação que temos em curso.

3.1 Consequências da Etiquetagem Desqualificante

36 “Simplesmente, eu era uma pessoa com estigma, não realmente uma pessoa e, por
isso, eu tinha-me sistematicamente ajustado a uma identidade social precária (Goffman,
1986)” (Schingaro, 2014, pág705). O relato autobiográfico de Schingaro, investigador
italiano da Universidade de Bari que cresceu em San Paolo, bairro problemático de Bari,
evidencia o poder dos processos de etiquetagem social, carregado de consequências para os
indivíduos atingidos pelo rótulo. Malheiros e Mendes (2007), num estudo sobre três bairros
de realojamento em Lisboa, afirmam:

“Frequentemente, os habitantes destes lugares não são vistos publicamente como pessoas com
uma personalidade individual, mas como uma categoria social. Os estigmatizados defendem-se
também do exterior que os repudia, podendo adoptar condutas e atitudes de incomunicação, já que
o exterior poderá ser intuído como “inimigo” (político, técnico de intervenção social, jornalista,
etc)” (Malheiros e Mendes 2007: 45)

37 No mesmo sentido Enne (2002), a propósito da Baixada Fluminense, na periferia do Rio de
Janeiro, diz que “Em um primeiro momento, as representações negativas remetiam às imagens
da violência e da criminalidade (em seu sentido mais amplo), desqualificando os moradores
da Baixada sob uma designação estigmatizante e generalizada.

38 O que queremos aqui salientar, tomando novamente exemplos de geografias diversas, é o poder
homogeneizante da etiquetagem, que apaga as diferenças e erige categorias construídas em
torno de qualidades negativas: “bairros de tráfico”, “bairros da droga”, “bairros de imigrantes”,
“bairros de realojamento”, “bairros violentos”. Subscrevemos a expressão de Arabindou (2009:
881) quando fala em “periferização degenerada” e em “marginalização socioeconómica”. A
dualização é aqui mais simbólica do que espacial, criando, segundo o autor, “novas formas
de segregação, polarização e fragmentação” (Arabindou 2009: 880). Ser-se indivíduo imerso
nas áreas submetidas a estes processos é ver-se reduzido a uma etiqueta que ilustra bem a
sobredeterminação do contexto, dificultando o exercício de si enquanto sujeito autónomo.

39 É particularmente ilustrativa deste processo a situação dos “grands ensembles” em França,
em cidades como Paris ou Lyon. Construídos durante os “gloriosos trinta” para resolver o
problema do alojamento urbano das massas trabalhadoras⁵ já não permitem hoje o acesso
ao trabalho e à concomitante expectativa de estabilidade, encontrando-se “associados ao
desemprego, à precariedade, à pobreza, à concentração de minorias étnicas onde a juventude
duvida de vir a ter um futuro e se mostra nos motins, levada ao tráfico ilegal e à dependência
em relação às fórmulas de ajuda social” (Donzelot, 2006). O autor conclui que há um
“afundamento (basculment) no negativo” da imagem destas *cités* de habitat social.

40 Viver nas periferias desqualificadas gera uma condição social subalterna, e esta tem um
impacto sobre o indivíduo, desde logo sobre o seu corpo e a sua saúde, mas também sobre o
seu autoconceito. Mais uma vez esta dinâmica transaccional entre indivíduo e a sua envolvente
socioambiental se manifesta em geografias variadas, mostrando a magnitude deste processo.
Dêem-se alguns exemplos:

41 Benguela, Angola: Sandra Roque dá conta no seu trabalho etnográfico de como nos “bairros” a
falta de condições materiais conduz a uma profunda transformação pessoal nos seus habitantes.
Uma das entrevistadas refere mesmo que tal reflexo se traduz no seu corpo, no seu cheiro, na
sua aparência, na sua auto-representação.

42 Joanesburgo, África do Sul: LeMarcis (2004) investiga a periferia de Joanesburgo, mostrando
como a desigualdade em relação ao centro se reflete também na saúde. Assim, o periférico
aparece como uma condição limitadora do acesso aos recursos, desde logo aos da saúde. A
expressão que dá título ao seu artigo, *the suffering body of the city*, propõe a cidade como corpo
enquanto metáfora espacial dos próprios corpos dos indivíduos, também eles distribuídos
segundo uma relação desigual centro-periferia.

43 Analisando a rápida disseminação do VIH entre 1990 e 2000, os seus dados mostram como
existe uma distribuição urbana desigual do vírus, sendo o centro claramente menos afetado
do que as periferias. O “suffering body of the city” têm um duplo significado: por um lado,
ele representa a desigual distribuição das doenças no espaço urbano, particularmente do
VIH, estando portanto as periferias em sofrimento efetivo; por outro lado, salienta a pouca

capacidade desta população em recorrer aos serviços de saúde e à rede assistencial, sendo esta uma importante condição do sofrimento social.

44 São Paulo: Cracolândia. A Cracolândia é um espaço na cidade de São Paulo que, não constituindo uma periferia espacial, se tornou um território emblemático dos consumidores de crack, construindo-se em seu torno uma imagem de degradação que a converteu em território estigmatizado. O estigma tem como elementos mobilizadores a representação do crack como droga que produz rápida dependência e destruição física e psicológica do corpo dos “craqueiros”. Taniele Rui (2012), na etnografia levada a cabo entre 2008 e 2010, chama-lhes “corpos abjetos”. Salienta a importância fulcral dos corpos dos “crackeiros”, sobretudo dos “nóias”, que são os que levam o consumo do crack a um nível que a autora qualifica como exagerado e radical: “Não há assim como separar corpo e substância da construção da pessoa. (...) Sem a substância química não se constrói esse tipo de corpo, sem esse corpo não se constrói essa pessoa, sem essa pessoa não se acionam os feixes de relações já observados e sem essas relações não se constroem territorialidades que se tornam igualmente abjetas. Está tudo imbrincado” (Rui, 2012, pág. 246).

45 A autora chama à Cracolândia “território de degredo”, lugar da identificação dos corpos em ruína com um território que simbólica – e mesmo fisicamente – sugere a ruína. O corpo é abjeto, esclarece a autora, não pela sujidade, mas pela perturbação de que é capaz face aos nossos sistemas classificatórios. “Eles estão indo na contramão do que é hoje o corpo” – corpo-higiene, corpo-saúde. O elemento forte desta perturbação é o corpo-contágio.

46 Há assim, ao nível das imagens, uma determinação mútua entre corpos e espaços: a Cracolândia é feita dos “corpos abjetos” tanto como estes se fazem “abjetos” porque se territorializam na Cracolândia. E as reações que dirigimos aos corpos dos “nóias” - rejeição, cuidado, violência, desdém (Rui, 2012) - são também as que dirigimos a territórios que percebemos como problemáticos e estigmatizados? A interrogação agora é nossa. Encaminhamo-nos assim para o último ponto, em que colocaremos a questão de saber como descrevem trabalhadores do setor da intervenção comunitária a “periferia desqualificada” e como percebem o impacto psicológico desta sobre os seus habitantes.

3.2 A “Periferia Desqualificada” Trabalhada Pelos que Nela Trabalham

47 Situemo-nos agora no Porto, a cidade que foi desde o início dos anos 90 o contexto que elegemos para a realização de investigações etnográficas nos principais bairros sociais de periferia (Fernandes, 1990, 1998; Fernandes e Neves, 2002; Fernandes e Pinto, 2004; Fernandes e Ramos, 2010). Não trataremos neste texto de saber por que se desenvolveu, sobretudo entre as décadas de 50 e 70 do século XX, dum anel periférico descontínuo de bairros sociais destinados ao alojamento de população sem poder económico para aquisição ou arrendamento de habitação própria a preços de mercado. Diremos apenas de passagem, citando Pereira e Queirós (2009) que resulta:

(...) no *plano económico*, da aceleração do processo de industrialização e terciarização do país, que impulsionou o crescimento dos principais centros urbanos, tornando mais premente o problema do alojamento das classes populares, agora abertamente articulado com o processo de reconfiguração funcional dos centros urbanos e com a expansão dos limites da mancha construída das cidades. (Pereira e Queirós, 2009: 5).

48 Aquilo que parecia ser uma solução encontrada pela autarquia do Porto para resolver a degradação e sobrelotação da habitação popular na baixa e centro histórico, que em conjunto constituem o centro urbano, depressa se converteu num problema. Com efeito, a partir da década de 80 começa uma intensa desindustrialização, que converte os bairros sociais em zonas de forte desemprego e, na resposta ao empobrecimento, de crescimento de economias informais. Uma delas seria a dos mercados de rua de drogas ilegais, que atraíam a atenção da comunicação social. Nascem no discurso mediático os “bairros das drogas”, que estarão no centro duma nova imagem: de espaços de pobreza que já eram passam agora a ser olhados como zonas de atividades criminais e como territórios de concentração de toxicodependentes

de rua, construindo-se em seu torno todo um imaginário de perigosidade que já nos levou a escrever noutro texto que “estes bairros ou se habitam ou se evitam” (Fernandes 1998: 123).
 49 Estão portanto criadas, no final dos anos 80, as condições para a cidade reconhecer a sua “periferia desqualificada”, erigindo-se através da circulação mediática a etiqueta “bairros do tráfico” ou, mais hiperbolicamente, “hipermercados das drogas” e envolvendo-se
 50 homogeneamente quem aí vivia na suspeita de serem “populações que se dedicam à droga”⁶.
 51 Avançaremos a partir de agora com os primeiros resultados duma investigação que visa conhecer as percepções de técnicos de intervenção comunitária acerca da “periferia desqualificada” e do modo como a relacionam com o impacto psicológico sobre os seus habitantes⁷.

3.2.1. Breve Nota Metodológica

51 A recolha de dados foi feita através de entrevista em profundidade a técnicos de intervenção comunitária há longos anos a trabalhar nas principais “periferias desqualificadas” do Porto. O critério para a sua seleção foi, para além da longa experiência, a sua distribuição espacial pelas zonas norte, ocidental e oriental da cidade, tendo trabalhado ou trabalhando ainda nalguns dos bairros mais etiquetados pela comunicação social como problemáticos, como são os casos do Aleixo, Pinheiro Torres e Pasteleira (zona ocidental), Lagarteiro e Cerco (zona oriental), S.João de Deus, Viso ou Ramalde do Meio (zona norte)⁸.
 52 O objetivo não foi constituir uma amostra, mas identificar indivíduos que, pelo seu capital de experiência, pudessem funcionar como informantes-chave sobre o tipo de contexto e de atores que são o nosso objeto de estudo. Realizaram-se assim seis entrevistas, cujo material permite um primeiro mapeamento dos elementos constitutivos do nosso objeto de análise.
 53 O primeiro profissional entrevistado foi selecionado pelos investigadores, sendo a partir daí os outros indicados sucessivamente por cada entrevistado. Esta indicação teria, naturalmente, de ter em conta os critérios já especificados acima para a seleção⁹.

3.2.2. Resultados

54 Exploraremos agora os principais elementos que os discursos dos nossos entrevistados permitem identificar como caracterizadores da relação dos indivíduos com as suas “periferias sociais”. Estes elementos são tanto de caráter social como psicológico, permitindo-nos algumas inferências a respeito da ligação entre contexto socioambiental e indivíduo. Não devemos perder de vista, no entanto, que estamos a trabalhar sobre representações de terceiros acerca dos habitantes da periferia.
 55 Alguns dos bairros mais emblemáticos da “periferia desqualificada” do Porto, que aparecem no discurso público como “bairros degradados”, “bairros sociais problemáticos”, encontravam-se na periferia da cidade quando foram construídos, no final dos anos 50 e nas décadas de 60 e 70. No entanto todos foram envolvidos em maior ou menor grau pelo crescimento urbano, não dizendo hoje a sua situação periférica respeito à distância física, mas sobretudo à social e simbólica. O bairro do Aleixo, talvez o mais mediatizado conjunto de habitação social dos últimos anos, é a este respeito paradigmático, o que levou Queirós (2011) a utilizar a expressão “periferia no centro” para se lhe referir. E é ainda, de facto, de distância que se fala quando se descreve a vida nestas “periferias no centro”.¹⁰

O acesso aos recursos, a igualdade de oportunidades para elas terem acesso aos recursos não existiu, a questão dos equipamentos, a questão dos serviços, se chegamos a São Pedro não temos possibilidade de levantar dinheiro. Não há uma única caixa multibanco. Só recentemente é que houve uma estrada digna, só recentemente é que houve saneamento. (C., sexo masculino, 48 anos)

56 Tal como vimos na secção 2., a distância mede-se sobretudo pela ausência de recursos. No excerto do nosso entrevistado é particularmente simbólica a ausência da caixa multibanco – a distância a que está o dinheiro nos lugares da pobreza – e a ausência duma estrada – a distância a que está a cidade afinal ali tão perto.
 57 Encontramos no discurso dos nossos sujeitos algo que podemos aproximar a uma das definições que detetámos na revisão da literatura exposta no ponto 2. - a periferia como posição num sistema de relações. Ela revela-se dum modo particularmente nítido quando se refere “aos mais jovens” através duma dupla distância: do lugar de origem dos pais (a aldeia) e da condição

subalterna (agricultores, construção civil, “criadas de servir”, empregadas de fábrica). Têm aspirações mais elevadas, mas a pouca escolaridade deixa-lhes a cidade das oportunidades longe. Querem-se distantes do passado (dos pais), mas estão longe de ter um futuro, aparecendo o bairro como um território onde sentem que têm o seu lugar. Neste, as atividades desviantes, nomeadamente a participação no comércio e no consumo de drogas, são simultaneamente ocupação do tempo, rede relacional e economia alternativa.

- 58 É salientado pelos nossos sujeitos que alguns dos bairros etiquetados dum modo negativo ficaram praticamente imersos na cidade que lhes cresceu em volta. A cidade pode até estar ali mesmo, o metro, que começou a sua circulação no início deste milénio, rasgou-a e as acessibilidades são hoje mais fáceis. Mas é como se continuasse longe, referem. É como se a periferia social tivesse um efeito bloqueador da mobilidade:

Esta questão dos transportes às vezes é uma questão falaciosa porque põe-se o metro, por exemplo, a vir aqui ao Viso. Rompeu de facto com alguma *guetização*. (...) Vemos pessoas que estão aqui no bairro do Viso e se nós lhes dizemos assim: olhe conseguimos uma proposta de trabalho ali para Vila Nova de Gaia, eles dizem: nem pense, é muito longe. Portanto, isto já dá para perceber o quão distanciadas as pessoas se sentem” (A.I., sexo feminino, 50 anos)

Aqui no Lagarteiro, por exemplo, agora com estes novos eixos viários há... pelo menos em termos de malha urbana, está mais rasgada mas mesmo assim... (C.C., sexo feminino, 43 anos)

- 59 Num tempo em que as metrópoles têm na mobilidade um dos seus signos maiores, estas populações participam pouco dela. Estão muito territorializadas, o que se manifesta nas sociabilidades e na construção de identidades locais bem vincadas, como veremos já adiante. Mas por agora falemos ainda da reduzida mobilidade, cuja situação limite, na expressão duma técnica de serviço social que trabalha no bairro do Lagarteiro (zona oriental da cidade), é o fechamento. Os bairros conhecem graus distintos de fechamento, o que não é necessariamente sobreponível à distância física a que se encontram da cidade central. A este respeito a zona oriental parece ser a mais exemplificativa:

“(...) É, é. E isto não tem só a haver com os bairros sociais. Nós há um bocado estávamos a falar nos bairros mas não tem a haver com os bairros. Esta zona aqui é outra das zonas que ninguém entra, aquela zona aqui de Contumil também, aquela zona ali de Azevedo. Porque de facto são malhas urbanas tão fechadas, depois sentidos únicos, as pessoas têm até receio de entrar por aqueles locais, não há transportes públicos, não há serviços, não há um multibanco naquela zona da Cidade, um único que seja... (C.C., sexo feminino, 43 anos)

- 60 Quando começaram ali a trabalhar sentiram necessidade de abrir o bairro. C.C. refere que, “mais do que levar coisas às pessoas, era pô-las a sair dali”. Uma vida local concentracionária é o que parece sintetizar aquilo que experienciou. Não longe do Lagarteiro, no São João de Deus, as pessoas diziam, quando iam à Areosa (zona praticamente contígua) que iam ao Porto:

No caso desta zona aqui de Campanhã, por exemplo, o meu primeiro local de trabalho foi no São João de Deus, há 20 anos atrás e aquilo era um nicho completamente fechado. Portanto, o pessoal quando saía de lá dizia que ia ao Porto quando ia à Areosa. Portanto ninguém passava por aquele território a não ser alguém que vivesse lá ou que quisesse comprar droga, não é? E ainda eram bastantes pessoas, eram cerca de 5000. (C.C. sexo feminino, 43 anos)

- 61 Este fechamento traduz-se no medo do desconhecido revelado logo na idade infantil. É-nos referido que há crianças que têm receio de sair do seu bairro. O fechamento tem assim condições para se reproduzir na geração seguinte, se a matriz socioambiental no relacionamento com a cidade dominante não se alterar.¹¹

- 62 Outro dado convergente com a análise teórica que realizámos é o que coloca em causa as dicotomias. Com efeito, esta ligação residencial a um espaço percecionado a partir do exterior como problemático não é necessariamente vivida como negativa. Alguns técnicos de intervenção reportam o “orgulho no bairro”, um sentimento de pertença a que chamam “bairrismo”. O bairrismo é uma identificação ao lugar, bem revelada na circunstância de as pessoas verbalizarem que não querem sair dali, argumentando com a ligação às suas redes de vizinhança.

Senti muito isso quando estive a trabalhar na *Iniciativa Bairros Críticos*, algum orgulho pessoal... alguma identidade que as pessoas acabam por adquirir também nesse território, com a vizinhança,

com os seus pares e que às vezes leva até a situações de algum bairrismo que não queria que fosse interpretado pelo mau sentido da palavra mas se calhar pelo sentido positivo que é: pessoas que vivem muito próximas umas das outras, por exemplo, aqui neste caso, bairro do Viso e bairro Ramalde do Meio logo ali desafiarem-se mutuamente “porque o meu bairro é melhor que o teu... (...) Identificam-se muito com o Local. (A.I., sexo feminino, 50 anos)

- 63 Podemos dizer que o bairrismo define uma posição específica na relação do bairro de cada um com o resto da cidade. A sua afirmação e defesa estarão na base até dum certo grau de ocultação de problemas do bairro, como alguma violência quotidiana. As cumplicidades parecem tornar-se mais nítidas quando estamos perante atividades desviantes:

(...) também um dos pontos negativos que poderíamos apontar era: às vezes, a identificação é de tal modo que acabam por defender e gerar certas cumplicidades mesmo nas questões desviantes. (...) Tráfico de drogas, alguma violência, comportamentos exacerbados do ponto de vista... sei lá... de algum vandalismo gratuito e a criação de bandos que se identificam fortemente entre eles; que, por um lado, contrariam um bocado aqueles aspetos negativos que dizem que as pessoas estão desenraizadas, estão infelizes porque estão desenraizadas... (...) É uma cumplicidade muito estreita e quase uma defesa e o assumir-se como estas questões são nossas, são próprias, nossas, são as nossas características portanto nós assumimos e exibimo-las. (A.I., sexo feminino, 50 anos)

- 64 O bairrismo contraria um dado recorrente na literatura: o do desenraizamento destas populações. “Geram-se aqui enraizamentos subterrâneos” - eis uma frase de A.I. que o sintetiza com clareza.

- 65 Vejamos ainda outro aspeto da periferia como posição num sistema de relações - agora como distância às instituições e às figuras do poder. Os protagonistas da política, por exemplo, “não lhes dizem nada”:

Não lhes dizem nada. (...) Olhe nem sinto que tenham grande revolta agora. Quer dizer no fundo acho que já sentiram mais revolta do que eu... eu acho que agora. Acho que é-lhes indiferente quem está ou quem não está. No fundo dizem “isto, quer dizer, roda roda, mas é tudo igual, vai tudo dar ao mesmo”... Não acho que... (A.R., sexo feminino, 57 anos)

- 66 Esta posição seria também produzida pelo modo como as instâncias da sociedade dominante - por exemplo os serviços públicos - lidam com as pessoas destas periferias. Tal posição, que é portanto coproduzida na relação entre estes dois tipos de atores em presença, parece ter consequências ao nível psicológico: a quebra de confiança, o desacreditar de parte a parte. É este um dos tópicos mais consensuais entre os nossos entrevistados, voltaremos a ele na nota final para lançarmos uma pista para uma fase ulterior da investigação.

- 67 Já o modo como estas consequências se traduziriam no plano comportamental não reúne tanto consenso. Para uns poderiam explicar traços como a resignação e o desânimo aprendido, para outros poderiam ser instigadores de agência por parte dos sujeitos, como que numa vontade de superação:

Eu acho que apesar de tudo as pessoas vão desenvolvendo estratégias para que esses impactos não sejam tão negativos quanto isso. Aliás era preciso começar a olhar para os aspetos positivos desses espaços ditos desqualificados. Muitas vezes são desqualificados de acordo com determinados critérios, mas são muito qualificados por exemplo em relação à própria vida comunitária. (A., sexo masculino, 54 anos)

- 68 O mesmo interventor comunitário, em cuja zona de atuação se inclui o mediatizado bairro do Aleixo, acrescenta ainda:

Eu tendo a pensar que as pessoas desenvolvem sempre estratégias para não se sentirem muito mal e às vezes estratégias que nós não temos muita facilidade em captar. Mesmo o pobre que é muito pobre e que está numa situação de pobreza extrema eu julgo que o discurso que ele produz em frente aos técnicos, em frente... não traduz exatamente aquilo que é a vida dele porque, de facto, eles tendem a encontrar estratégias... as chamadas estratégias de desenrascanço, o desenrascanço... (A., sexo masculino, 54 anos)

- 69 Mas aparece no discurso dos técnicos também o oposto - a resignação perante a inevitabilidade de viver ali:

É uma dor muito grande. Por que? Porque depois essas pessoas vão começar a utilizar estratégias para suportarem essa dor. Uma delas é a negação, dizerem “desculpe lá, não é nada, este bairro é porreiro, o que é mau é o Aleixo”, isto é negar. (...) o Aleixo é que é perigoso. O segundo é

a fuga, disserem “olhe desculpe lá eu acordo de manhã no Lagarteiro e saio de manhã e entro à noite quando já ninguém me vê, nem digo à minha namorada que sou de lá do Lagarteiro (C., sexo masculino, 48 anos)

- 70 É salientado o pouco apetrechamento para poderem criar alternativas ao seu modo de vida. Veem os outros na mesma situação e tal circunstância gera identificação com uma espécie de destino que lhes tocou. Como que “o ser-se dali seja assim e pronto” (C., sexo masculino, 48 anos), alguns “já tem avós, depois pais e agora filhos e netos a ser beneficiários do RSI” (A.R, sexo feminino, 57 anos)¹².

Nota Final

- 71 Mostrámos ao longo deste texto como a “periferia desqualificada” enquanto categoria socioespacial é posta em relação com traços de funcionamento dos seus habitantes que tanto a literatura especializada como os dados da investigação que brevemente expusemos tratam como adaptações contextuais. Estas adaptações são respostas tanto a condições materiais de vida como ao plano simbólico envolvido em processos de etiquetagem e reação social. São elas, por sua vez, que produzem aquilo a que aqui chamámos o impacto psicológico do viver na “periferia desqualificada”, procurando mostrar como estamos perante fenómenos que se geram na estreita ligação entre matriz socioambiental e indivíduo.

- 72 Os nossos resultados, embora assumidos com precaução pelas razões expostas na secção 3.2.1, permitem dizer que se confirma a conceção de periferia enquanto distância, mas que esta é caracterizada não no plano estritamente espacial, mas antes como posição em relação à cidade que concentra os recursos e as oportunidades; vimos como esta distância reforça condições que os interventores comunitários exprimem através do “bairrismo” e do “fechamento”, e como estas não podem ser lidas linearmente como “negativas” ou “positivas”, pois tanto estão na base de fenómenos de enraizamento e de produção de identidades locais reforçadoras da vida comunitária e de agência dos sujeitos como podem ser barreiras ao ultrapassar do estigma associado a um meio visto como problemático.

- 73 Concluiremos com uma pista que, a florada por dois dos nossos entrevistados, teremos de aprofundar, pelo potencial heurístico que nos parece conter. Vejamos o que diz C.C (sexo feminino, 43 anos), a propósito dos bairros das zonas norte e oriental (S.João de Deus, Lagarteiro, Cerco...):

A relação deles com as instituições da cidade é marcada pela falta de confiança. Já levaram muitos não, depois lemos de fora a sua atitude como apatia. (C.C. sexo feminino, 43 anos)

- 74 No mesmo sentido, A.I (sexo feminino, 50 anos), a propósito das populações com quem tem trabalhado na zona norte do Porto, afirma:

Porque estas populações estão esgotadas, e que habitam nas periferias e nos contextos habitacionais mais degradados... Já viram muitas intervenções, já viram muitos projetos... “agora é que é, agora é que vai ser, agora é que vamos para a frente”, e depois de repente tudo a cair, a ruir (A.I., sexo feminino, 50 anos).

- 75 O modo como são tratados por quem está de fora induz os traços que depois lhes são atribuídos como se fossem substância sua. E se em vez de apatia interpretássemos os mesmos fenómenos a partir do conceito de resistência? Tema para desenvolver quando pudermos confrontar os relatos de quem reside nas “periferias desqualificadas” com o dos interventores comunitários de que agora demos notícia.

Bibliografia

ARABINDOO, Pushpa. 2009. “Falling Apart at the Margins? Neighbourhood Transformations in Peri-Urban Chennai”. *Development and Change* n. 40 (5): 879-901

BASTEN, Ludger. 2003. “Perceptions of Urban Space in The Periphery: Potsdam’s Kirchsteigfeld”. *Tijdschriftvoor Economische Sociale Geografie* n.1 (95): 89–99

BOURDIEU, Pierre. 2007. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Editora Vozes

- CARDOSO, Vasco. 2010. A morfologia da habitação social no Porto após o Plano de Melhoramentos: ruptura ou continuidade? *Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- CAZELOTO, Edilson. 2008. *Inclusão digital: uma visão crítica*. São Paulo: SENAC
- CHAMPAGNE, Patrick. 1991. “La construction médiatique des “malaises sociaux”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* n. 90: 64-75
- COSTA, Pedro & MOREIRA, Paulo. 2013. “Noutra Costa da Caparica”. *Jornal dos Arquitectos* n. 247: 88-99
- DUBET, Françoise & LAPEYRONNIE, Didier. 1992. *Les Quartiers d’Exil*. Paris: Éditions du Seuil
- DONZELOT, Jacques. 2006. *Quand la ville se défait. Quelle politique face à la crise des banlieues*. Paris: Seuil
- ENNE, Ana. 2002. *Lugar meu amigo, é a minha Baixada”: Memória, representações sociais e identidades*. Rio de Janeiro: Dissertação de Doutorado, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ
- FERNANDES, Luís & AGRA, Cândido. 1991. Uma topografia urbana das drogas. Lisboa: Gabinete de Planeamento e Coordenação do Combate à Droga
- FERNANDES, Luís. 1998. O sítio das drogas. Lisboa: Editorial Notícias
- FERNANDES, Luís. 2001. Criminogénese e perigosidade nos bairros sociais degradados: problematizações. *Temas Penitenciários série II* n. 6, 7 : 9-14
- FERNANDES, L. & NEVES, T. 2002. “Ethnographic space-time: culture of resistance in a “dangerous place”. In: S. Brochu, C. Agra & M. Cousineau (eds.), *Drugs and crime deviant pathways*. Hampshire: Ashgate Editions
- FERNANDES, Luís & PINTO, Marta. 2004. “El espacio urbano como dispositivo de control social: territorios psicotrópicos y políticas de la ciudad”. *Monografías Humanitas* n.5: 147-162
- FERNANDES, Luís. 2006. “Figuras da vitimação colectiva”. *Revista Europeia de Reabilitação e Inserção Social* 1 (1): 57-78
- FERNANDES, Luís & RAMOS, Alexandra. 2010. “Exclusão social e violências quotidianas em “bairros degradados”: etnografia das drogas numa periferia urbana”. *Toxicodependências* n.16 (2): 15-29
- GALINDO, Carlos & DELGADO, Javier. 2006. “Los Espacios Emergentes de la Dinámica Rural-Urbana”. *Desarrollo*, n. 147 (37): 187-216
- HERRERA, Patricio. 2008. “Dessarrollos Urbanos e Inverciones Turísticas Costeiras”. *Revista Urbano*, 18, pp. 16-23
- IANOS, Ioan, SIRODOEV, Igor, PASCARIU, Gabriel. 2012. “Build-up space dynamics complicates the present-day urban land use in Bucharest”. *Analele Universitatii din Oradea – Seria Geografie* n.1: 48-53
- LE MARCIS, Frédéric. 2004. “The suffering body of the city”. *Public Culture*, n. 16 (3): 453-477
- MALHEIROS, Jorge & MENDES, Manuela. 2007. *Espaços e Expressões de Conflito e Tensão entre Autóctones, Minorias Migrantes e Não Migrantes na Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME)
- MENEGAT, Elizete. 2005. “Crise urbana na atualidade: indagações a partir do fenómeno da concentração espacial dos pobres em assentamentos ilegais”. In: Grupo de Trabajo Desarrollo Urbano del Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) (eds.), *Outro desarrollo urbano: ciudad incluyente, justicia social y gestión democrática*.
- MESSIANT, C. 1989. “Luanda: 1945-1961”. In: M. Cahen (ed), *Bourgs et villes en Afrique Lusophone*. Paris: Editions L’Harmattan, pp. 125 – 199
- PAUGAN, Serge. 2003. *A desqualificação social – ensaio sobre a nova pobreza*. Porto: Porto Editora
- PEREIRA, Virgílio Borges & QUEIRÓS, João. 2009. “Estado, Alojamento e a «Questão Social»: elementos para a compreensão sociológica da formação da respectiva relação no Porto contemporâneo”. *Argumentos de Razón Técnica – Revista Española de Ciencia, Tecnología y Sociedad, y Filosofía de la Tecnología* (serie especial), n. 2: 113-128
- PEREIRA, Maria e BRITO, M. 2006. “Desemprego e subjetividade no contexto brasileiro: uma análise interpretativa sob a ótica dos excluídos do mercado de trabalho industrial”. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, n. 1 (6), pp. 143-181
- QUEIRÓS, João. 2011. “A periferia no centro. Sobre a invisibilização das classes populares e a experiência da relegação urbana”. *Le Monde Diplomatique*, II Série, n. 53

- RÊGO, Ximene e FERNANDES, Luís. 2012. “As falas do medo: convergências entre as cidades do Porto e Rio de Janeiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 27 (78), pp. 51-65
- ROQUE, Sandra. 2011. “*Cidade and Bairro*: classification, constitution and experience of urban space in Angola”. *Social Dynamics*, n. 3 (37): 332-348
- RUI, Taniele. 2012. *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Campinas: Dissertação de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas
- SANTOS, Boaventura. 1985. “Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português”. *Análise Social* vol. 21: 869-901
- PEREIRA, Alvaro. 2012. “Reflexões sobre o fenômeno da “centralidade” a partir do quadro teórico da “Antropologia da Cidade”. *Ponto Urbe* n. 11
- SCHINGARO, Nicola. 2014. “The reversal of lifelong labeling: an autoethnography”. *Deviant Behaviour* n. 35: 703-726
- TENÓRIO, Fernando. 2007. *Tecnologia da informação transformando as organizações e o trabalho*. Rio de Janeiro: Editora FGV
- TISSOT, Sylvie & POUPEAU, Franck. 2005. La spatialisation des problèmes sociaux. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 159: 5-9
- VENTURA, Zuenir. 1994. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras
- WACQUANT, Loic. 2001. *Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Editora Revan
- WACQUANT, Loic. 2006. *Parias Urbains – Ghetto, banlieues, État*. Paris: La Découverte
- WALLERSTEIN, Immanuel. 1984. *The Politics of the World-Economy. The States, the Movements and the Civilizations*. Cambridge: Cambridge University Press
- WILLIAMS, A. 1980. “Conservation planning in Oporto – na integrated approach in the Ribeira-Barredo”. *Town Planning Review* n. 51: 177-194

Notas

- 1 Em todos eles o foco é a divisão da sociedade num núcleo altamente diferenciado e numa periferia desqualificada e excluída do processo produtivo; os processos de desregulação resultariam na formação de uma massa de desempregados desqualificados, caracterizando uma “periferia desqualificada”.
- 2 Para o modo como decorreu esta operação de renovação urbana ver Williams (1980); sobre o Plano de Melhoramentos da Cidade do Porto aprovado pela autarquia em 1956 ver Cardoso (2010).
- 3 É necessário algum cuidado ao reificar esta imagem da periferia como ausência, pois todos os défices descritos por uma boa parte da literatura das “áreas socialmente desfavorecidas”, das “periferias sociais”, das “zonas marcadas pela exclusão”, convivem com a presença dos objetos consagrados pelo consumo de massas: eletrodomésticos, televisão por satélite ou acesso à internet são disso exemplos.
- 4 As expressões com que têm sido designadas estas figuras socioespaciais são a este respeito muito esclarecedoras: “bairros de exílio” (Dubet e Lapeyronnie 1992), “bairros de desterro” e “bairros deserdados” (Wacquant 2001, 2006) ou, mais eufemisticamente na linguagem corrente das autoridades públicas dos anos 90 para cá, “bairros sensíveis” e “bairros críticos”.
- 5 Expressão corrente para designar os anos de expansão económica, industrial e de urbanização nos trinta anos a seguir à 2ª Guerra Mundial.
- 6 Todo este processo esteve no centro da nossa análise ao longo de vários trabalhos: ver Fernandes 1990, 1998, 2001, 2006; Fernandes e Pinto, 2004.
- 7 Esta investigação insere-se nas atividades correntes de pesquisa do Centro de Ciências do Comportamento Desviante da faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e corresponde ao aprofundamento de questões de investigação levantadas no decorrer dos sucessivos trabalhos de campo etnográficos que temos realizado.
- 8 Não considerámos a zona sul, delimitada pelo rio Douro e que é constituída na sua maior parte pelo casco histórico, por não estar conotada com “periferia desqualificada”.
- 9 As entrevistas decorreram entre 15 de janeiro e 8 de julho de 2014, foram realizadas no local de trabalho dos profissionais, registadas em suporte sonoro e tiveram uma duração média de 30 minutos. Foram posteriormente transcritas e submetidas a análise de conteúdo categorial temática. Os entrevistados tinham idades compreendidas entre os 43 e os 57 anos, dois eram do sexo masculino e quatro do feminino.
- 10 O caso do bairro do Aleixo foi amplamente debatido pelos atores políticos do poder e da oposição autárquicos e intensamente mediatizado, tendo-se iniciado a sua demolição em dezembro de 2011,

encontrando-se o processo interrompido quando vai sensivelmente a meio. O Aleixo é o melhor exemplo no Porto dum conjunto de habitação social progressivamente rodeado de condomínios destinados a estratos sociais com poder aquisitivo, sendo um analisador do que acontece a alguns “bairros degradados” na disputa pelos solos urbanos levada a cabo pelos consórcios de investimento e do papel determinante que joga na legitimação do seu desaparecimento físico o ser um “bairro de tráfico de droga”.

11 Notemos como este medo é simétrico do que o cidadão comum tem de zonas como o S. João de Deus ou o Aleixo. Ver a este respeito Rego e Fernandes (2012)

12 O RSI é a sigla que entrou para a linguagem de técnicos e de beneficiários de prestações sociais do Estado, designando o rendimento social de inserção, medida que sucedeu ao RMG (rendimento mínimo garantido), criado na década de 90 do século passado.

Para citar este artigo

Referência eletrónica

Luís Fernandes e Simão Mata, « Viver nas “Periferias Desqualificadas”: Do Que Diz a Literatura às Percepções de Interventores Comunitários », *Ponto Urbe* [Online], | 2015, posto online no dia 31 Julho 2015, consultado o 05 Setembro 2015. URL : <http://pontourbe.revues.org/2658> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2658

Autores

Luís Fernandes

Prof. Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

E-mail: jllf@fpce.up.pt

Simão Mata

Psicólogo na Norte Vida – Associação para a Promoção da Saúde. Doutorando do Programa Doutoral em Psicologia da Universidade do Porto.

E-mail: simaopedromata@gmail.com

Direitos de autor

© NAU

Resumos

As cidades são dotadas duma dinâmica incessante, produzindo constante transformação socioespacial que dificulta a sua legibilidade pelos múltiplos especialistas do fenómeno urbano. A “periferia desqualificada” é um espaço privilegiado para a análise deste processo, e é sobre ele que faremos um exercício analítico que dividimos em duas partes. Na primeira interrogamos a periferia enquanto categoria classificatória duma realidade socioespacial: que entidade queremos nomear quando dizemos “periferia”? Partindo da revisão de literatura sobre diferentes geografias da periferia, esboçamos linhas de resposta a estas questões.

Na segunda parte expomos dados duma investigação em curso sobre o impacto psicológico da “periferia desqualificada”, em que exploramos as percepções de técnicos de intervenção comunitária com longa trajetória laboral com populações periferizadas da cidade do Porto. O objetivo principal é o de conhecer de que modo (re)constroem a categoria aqui em análise em torno de descritores psicológicos e sociais daquilo que percecionam como o seu impacto sobre os habitantes. Salientam-se nos resultados as referências à periferia como distância, mesmo quando espacialmente ela é pouco significativa, como ausência e como fechamento; mas também como vivência marcada por forte territorialização a que estão associadas uma identidade de lugar e sentimentos de pertença sintetizados na expressão local “bairrismo”.

Living In "Relegated Peripheries": From What The Literature Says To The Representations Of Community Workers

The cities have a never-ending dynamism, one which constantly produces social and spatial changes and thereby makes them difficult for urban analysts to interpret. The "relegated peripheries" are privileged areas for analyzing this process, on which we are going to conduct an analytical exercise divided in two stages. In the first stage we interrogate the periphery as a category of a social and spatial reality: what is the entity we intend to designate when we say "periphery"? We outline an answer to these questions based on a literature review of different geographies of the peripheries.

Then, on the second stage, we present data from an ongoing research on the psychological impact of the "relegated periphery". Here we explore the representations of community workers with large experience in dealing with people who inhabit the peripheries in the city of Porto. The main goal is to learn how they (re)construct the "relegated periphery" around its social and psychological impacts on its inhabitants. Results show that periphery is understood as a distance, even if it is not so in strictly geographical terms, as an absence and a closure. Also, those peripheries are strongly territorialized, highly associated with an identity of place, and feelings of belonging that can be summed up in the local expression "bairrismo" (which can be translated as a positive parochialism).

Entradas no índice

Keywords : Urban Space; Periphery; Housing Estate; Psychological Impact; Community Intervention

Palavras chaves : Espaço Urbano, Periferia, Bairro Social, Impacto Psicológico, Intervenção Comunitária